

Dossiê

OS FIORES E AS SERPENTES: DEFININDO ESPAÇOS GUERREIROS NA SAGA DE ÓLÁF TRYGVASSON

Pablo Gomes de Miranda⁷

RESUMO

O presente artigo remete em seu título as embarcações de grande porte utilizadas pelo rei Óláf Tryggvason na batalha de Svöld. Embarcações poderosas e imponentes, descritas nas sagas como as maiores e melhores, a Serpente Longa, a Serpente e a Garça, navios citados na *Óláfs saga Tryggvasonar*, parte do *Heimskringla*, uma compilação de narrativas escandinavas do séc. XIII (por volta de 1230). Será abordado aqui como os navios escandinavos surgem por uma necessidade geográfica, tornando-se fulcral para o desenvolvimento e transporte de diversas atividades cotidianas e passam a ser fundamentais no modo de guerrear além de parte integrante na cultura escandinava da Era Viking.

INTRODUÇÃO

Os conflitos guerreiros são constantes nas narrativas medievais que chamamos de Sagas: elas criam laços entre os homens, forjam confiança, constroem laços de amizades, famílias inteiras se mobilizam ao retinir do metal das lanças, espadas e machados, nos escudos oblongos de madeira, vidas e mortes que são celebradas em poética e exploradas em prosa. A batalha de Svöld é um conflito que se passou no Mar Báltico, onde o rei

⁷ Mestrando em **História dos Espaços** pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), linha de pesquisa “Cultura, Poder e Representações Espaciais”, onde desenvolve a pesquisa **Guerra e Identidade: um estudo da marcialidade no Heimskringla** sob orientação da Profa. Dra. Maria Emilia Monteiro Porto. Membro do NEVE, Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos (www.nevevikings.tk). E-mail para contato: jomsvikings@hotmail.com e pgdemiranda@gmail.com

norueguês Óláf Tryggvason e os seus aliados enfrentam uma coalizão de forças dinamarquesas, lideradas pelo rei Sveinn Tjúguskegg⁸, forças suecas, das quais estavam à frente o rei Olof Skötkonung e forças norueguesas dissidentes, lideradas pelo *jarl* Eirík Hakonnarson⁹.

O presente artigo remete em seu título as embarcações de grande porte utilizadas pelo rei Óláf Tryggvason na batalha de Svöld. Embarcações poderosas e imponentes, descritas nas sagas como as maiores e melhores, a Serpente Longa, a Serpente e a Garça, navios citados na *Óláfs saga Tryggvasonar*, parte do *Heimskringla*, uma compilação de narrativas escandinavas do séc. XIII (por volta de 1230). Será abordado aqui como os navios escandinavos surgem por uma necessidade geográfica, tornando-se fulcral para o desenvolvimento e transporte de diversas atividades cotidianas e passam a ser fundamentais no modo de guerrear além de parte integrante na cultura escandinava da Era Viking.

Para compreendermos a construção de nossa espacialidade, utilizamos os estudos de construção da paisagem na perspectiva de Simon Schama, que entrega um sentido de memória estruturada junto à natureza; os espaços “liso” e “estriado” de Gilles Deleuze, ao qual compreendemos fazer parte as rotas, os locais de guerra e conflitos, além da prática comercial; e as operações de lugar e espaço evidenciadas por Michel de Certeau,

⁸ Mais conhecido como Svein Barba-bifurcada.

⁹ Jarl é comumente traduzido ao inglês como Earl, no sentido de conde. Queremos frisar, no entanto que Jarl, do nórdico antigo, está mais ligado ao caráter bélico de lideranças guerreiras, não necessariamente submetidas a algum poder central, e quando se encontra nessa posição, ainda mantém certo nível de independência e influência sobre as suas regiões de controle. Também poderia controlar o reino, caso o rei ainda fosse muito novo para assumir essa função (SPRAGUE, 2007, p. 212). Quando fazemos referência ao jarl Eirík Hakonnarson, é importante lembrar que o mesmo faz parte de uma dinastia a parte da monarquia norueguesa, quando o rei Haraldr hárfagri, no processo de unificação da Noruega, não inclui o norte do território, sendo essa parte comandada pelas lideranças guerreiras de Lade, região perto da atual Trøndelag, (GRAHAM-CAMPBELL, 1997, p.42), ainda que tivessem permanecido em constante contato de alianças com os reis noruegueses. Na saga, Óláf Tryggvason se indis põe com o pai de Eirík Hakonnarson, Hákon Sigurðarson, que por sua vez havia tomado posse da Noruega na ausência do rei.

principalmente quando o autor se detém as diferenciações de espaço e lugar. A guerra produz uma miríade de espaços em sua prática, sendo os barcos instrumentos para essa produção, bem como partes essenciais dessas produções.

Apesar de dispormos a *Óláfs saga Tryggvasonar* como nossa fonte principal, os relatos da batalha de Svöld e da vida do rei Óláf Tryggvason são encontrados em várias fontes escandinavas. Podemos citar algumas como exemplo: a *Historia Norwegiæ* e a *Historia de Antiquitate Regum*, são fontes latinas que contém ao menos partes ou menções em seu corpo textual sobre esse conflito. A *Ágrip af Nóregskonungasögum* apresenta um trecho extenso, dado a sua natureza sinóptica e de relato breve, sobre a batalha, criando um enredo próprio que informa ao leitor as razões dessa batalha. Entre as diversas sagas do *Flateyjarbók* há uma narrativa pequena sobre o rei Óláf Tryggvason, no *Fagrskinna*, encontramos trechos extensos e um contexto melhor elaborado, além de uma carga poética mais forte, além de uma outra versão da mesma saga, com escrita atribuída a Oddr Snorrason.

FIORDES, LAGOS E MARES: NAVEGANDO PELA ESCANDINÁVIA

Podemos considerar como Escandinávia principalmente as três regiões de onde saíram às colonizações e assentamentos posteriores¹⁰, sendo assim Noruega, Suécia e Dinamarca, logo podemos ter uma noção pela qual esses indivíduos tinham tanto apreço pelas suas embarcações.

A Noruega é entrecortada por estreitos fiordes que se estendem adentrando vários quilômetros entre montanhas íngremes. Possui uma quantidade elevada de ilhas próximas à costa, além do terreno montanhoso que sempre dificultou a viagem por terra e através de séculos de ocupação o mar era o meio mais viável para a comunicação entre os

¹⁰ Podemos citar alguns aqui: Novgorod (862), Kiev (860), Northumbria (867), parte da Ânglia (869), Islândia (870), Caithness (890), Groelândia (986), Vinlândia (região de New Foundland, norte do Canadá, por volta do ano 1000), GRIFFITH, 1995, p. 15.

diversos distritos noruegueses. A Suécia possui extensos bosques e planícies, além de áreas de superfície montanhosa, onde encontramos, por exemplo, uma cordilheira que faz fronteira com a Noruega. Porém, essa região também é cortada por um largo número de lagos e rios, além de ilhas que desempenharam importante papel econômico nesse contexto, como é o caso da ilha de Gôtland, um importante centro de extração de metais, além de ter sido um movimentado entreposto comercial. A atual paisagem natural da Dinamarca foi severamente modificada, mas no recorte temporal a que propomos os nossos estudos, situado na Idade Média, encontravam-se aqui um grande número de pântanos, prados e marismas que rodeavam seus lagos e rios, os quais foram encobertos, dragados e enxutos nos últimos duzentos anos¹¹.

A Geografia tem feito a construção de navios e da navegação serem essenciais para os escandinavos durante a história. Numa paisagem onde o meio fluvial ofereceu linhas de comunicação prontas muito mais que o interior, botes e navios foram ferramentas essenciais para a sobrevivência e desenvolvimento social. Foi a presença da água – os vários estreitos e fiordes, além do pronto acesso da costa para quase que todo lugar – aquilo que distinguiu à Dinamarca do continente e a fez como parte da Escandinávia. A formação dos Estados dependia de navios e somente com navios algum grau de controle poderia ser exercido sobre os povoados, os trechos costeiros da Noruega e Suécia, e sobre a arquipelágica Dinamarca (BILL, 2008, p.170)¹².

Desde cedo os povos escandinavos detiveram¹³ uma relação muito curiosa com os meios aquáticos que vai interferir na produção de seus instrumentos de navegação¹⁴. Há

¹¹ Essas impressões sobre as formações geológicas e paisagens naturais da Escandinávia, foram feitas em cima dos estudos arqueológicos de James Graham-Campbell, em GRAHAM-CAMPBELL, 1997.

¹² Geography has made shipbuilding and seafaring essential for the Scandinavians throughout history. In a landscape where the waterway offered much more ready communication lines than most of the inland, boats and ships were fundamental tools for survival and societal development. It was the presence of water – the many straits and fjords, and the ready access to the coast almost everywhere – that distinguished Denmark from the Continent and made it part of Scandinavia. State formation was dependent on ships, as only with ships some degree of control could be exercised over the populated, coastal stretches of Norway and Sweden, and over the archipelagic Denmark.

¹³ E ainda detém, é interessante lembrar como parte da economia dessas regiões ainda hoje se faz pela pesca do bacalhau e de outros pescados, grande parte do transporte quando não é feito por trens, recai sobre o sistema de transporte fluviário escandinavo.

uma extensa produção de imagens de barcos em petróglifos pré-históricos e antigos na Escandinávia, o pesquisador Johnni Langer (2003, p.48)¹⁵, por exemplo, analisou os petróglifos de Bakkehaugen onde pode ser visto “além de humanos portando machados e escudos, percebemos outras figuras muito recorrentes: barcos do mais variados aspectos [...] Uma antecipação do famoso *drakkar* dos Vikings em muitos séculos” (LANGER, 2003, p.44) e T-248 onde encontramos “diversas embarcações com popas de motivos serpentiformes, algumas inclusive com chifres na cabeça, cercam dois gigantes, com o primeiro portando lança e machado” (LANGER, 2003, p.45)¹⁶.

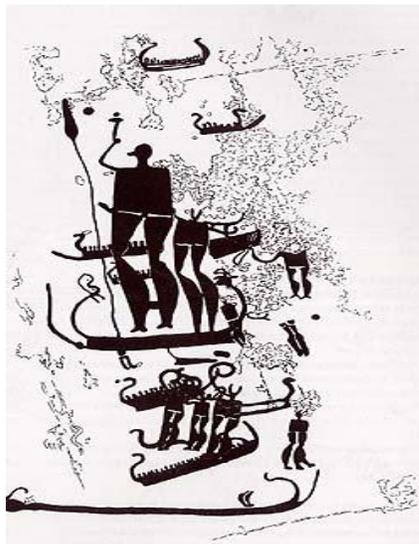


¹⁴ Além desse aspecto geográfico, há outro aspecto de natureza histórica muito interessante, que é a distância com o mundo romano e, mais tarde, franco: os barcos começam a tomar parte no meio sócio-cultural como símbolo religioso tanto como símbolo secular. Jan Bill afirma que o seu significado simbólico leva, naturalmente, a um refinamento em sua construção, que por sua vez reflete o prestígio de seu dono (BILL, 2001, p. 182 e 183).

¹⁵ Johnni Langer faz uma série de análises sobre material imagético de um extenso período pré-viking, na primeira parte de seu estudo sobre o “Mito do Dragão na Escandinávia”).

¹⁶ *Drakkar* é um nome latinizado, e geralmente mais difundido, referente aos barcos escandinavos medievais, principalmente aqueles relativos ao ato guerreiro da Era Viking.

Petróglifo de Bakkehaugen, encontrado em Skebjerg, Noruega¹⁷



Petróglifo T – 248, encontrado em Kalleby, Suécia¹⁸

Em um contexto mais avançado, já em pleno medievo, as embarcações escandinavas podiam navegar em mar aberto, ao mesmo tempo em que deslizam pelos rios e lagos sem o perigo de ficarem atolados, diferente dos pesados cargueiros francos e saxões. Em 825 os indícios arqueológicos indicam que os navios ganharam velas¹⁹, que ajudam na navegação (antes feita inteiramente por remos), o casco é reforçado por fora e apresenta um formato delgado, além de serem flexíveis, leves e fortes. Os construtores

¹⁷ Imagem retirada do site <http://www.ludvigsen.hiof.no/webdoc/helleristninger/bakkehaugen-III-I.jpg>

¹⁸ Imagem retirada do site http://www.euopreart.net/images/bohus021_04.jpg

¹⁹ Os dados arqueológicos que indicam essa afirmação são os achados do navio funerário de Oseberg e Gokstad achados no Vestfold, Noruega, 1904 e 1880, respectivamente (ROESDAHL, 1998, p.83). Outros achados de maior expressão para o estudo de barcos escandinavos na Idade Média estão situados em Hedeby (Jutlândia) e Roskilde (Dinamarca, aonde se encontram, também, os achados das embarcações Skuldelev). Existem outros achados menos conhecidos, mas muito importantes, como o de Klåstad, Noruega, o qual recebe a datação mais antiga (990) para um tipo específico de bote grande, com remos especializados em manobras litorâneas chamado *meginhúfr*, espécimes que podem ser achados também na Åskekärr, no oeste da Suécia.

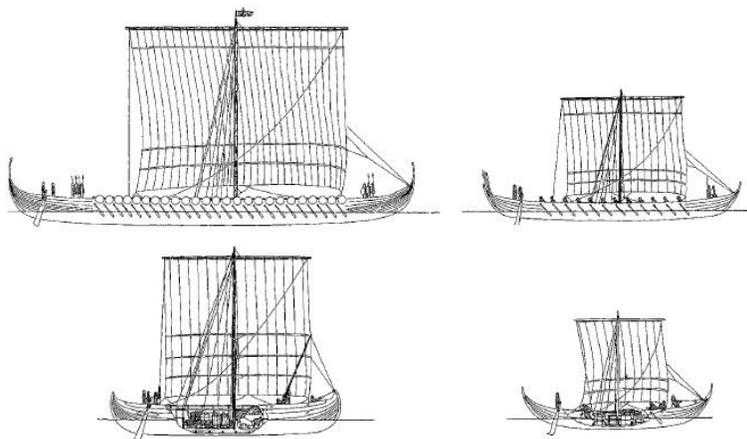
provavelmente usavam a madeira em um formato próximo do formato desejado para a embarcação (ROESDAHL, 1998 p.84). Se não levamos em conta um grande número de botes e de barcos pequenos, podemos colocá-los basicamente em dois grupos, aqueles que têm suas estruturas pensadas para a função de cargueiros e aquelas voltadas para as atividades guerreiras²⁰, ainda que não haja uma rígida homogeneidade em relação as suas formas ou tamanhos.

O *Knarr*, tipo de embarcação que recai sobre a primeira categoria, é um tipo de barco mais largo e fundo, utilizado pelos colonos durante as navegações do atlântico norte, quando colonizaram a Islândia e Groelândia, tanto pela sua capacidade de carga, quanto pela sua estabilidade em mar aberto. É uma embarcação que necessita de menos pessoas para manobrá-lo, contém pouco espaço para os remos e possuía uma vela quadrangular fixa. Esse cargueiro também era, essencialmente, utilizado para fins comerciais. Os tamanhos variam, o Hedeby 3, por exemplo tem um comprimento de 25m e capacidade de carga de 60t (BILL, 2008, p.176).

Os navios pensados para a guerra, *Langskip*, no entanto são bem diferentes. Mais alongados e delgados que aqueles falados acima, era um navio que não poderia enfrentar o mar aberto do Atlântico norte (no caso, a colonização da Groelândia e Vinlândia não seriam possíveis com essa embarcação, pois devido as suas dimensões, ele seria destroçado pelas ondas), segundo LANGER, 2009, p. 177, eles alcançavam uma média da velocidade de 8 a 10 nós, 18km/h e podia ser impulsionado tanto pela sua vela, quanto por remo. O Hedeby I, próximo ao fim da Era Viking (datado de 985), possui 30,9m, espaço para sessenta remos, tinha 2,6m do mastro para os flancos (5,20m de diâmetro na parte mais larga, que era o centro) e altura de 1,5m do convés as laterais, deixando os

²⁰ Para uma discussão baseada em cultura material sobre as categorias de botes e embarcações pequenas, consultar ROESDAHL, 1998, GRAHAM-CAMPBELL, 1997 e LANGER, 2009.

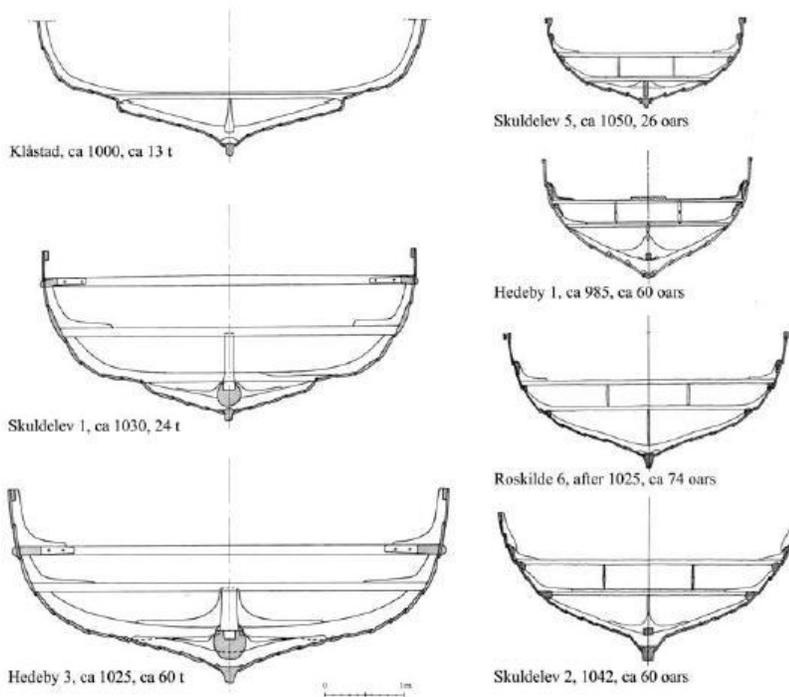
ocupantes próximos à água²¹. Outro exemplo é o Roskilde VI, aonde apenas a quilha mede 36m e comporta setenta remos. Abaixo algumas ilustrações que melhor exemplifiquem algumas dimensões e proporções a que prestamos esclarecer:



Desenho dos barcos encontrados na região de Skuldelev, norte da Dinamarca. Os dois exemplares de cima (Skuldelev II e V), são embarcações de guerra, enquanto os de baixo (Skuldelev I e III) são próprios para a atividade cargueira²².

²¹ Essa era, provavelmente, uma embarcação voltada para as navegações costeiras, principalmente no mar Báltico.

²² Imagem retirada de ROESDAHL; SØRENSEN, 2008, p.125. Alterações foram feitas por nós em cima do original.



Exemplos das dimensões da parte centro de cargueiros (Klåstad, Skuldelev I e Hedeby 3) e embarcações guerreiras (Hedeby I, Roskilde 6 e Skuldelev 2). Note que os cargueiros possuem um centro mais volumoso, enquanto as embarcações guerreiras são mais delgadas, comportando um maior número de remos, priorizando a velocidade²³.

Os barcos escandinavos, próprios para os fiordes e da geografia essencialmente aquática da Escandinava foi onde o rei Óláf Tryggvason conduziu, nas sagas e relatos no geral, boa parte de sua vida, dada em exílio no leste europeu, Inglaterra, Irlanda, etc. Ele vai tomar posse da Noruega apenas cinco anos antes de sua morte, em nenhum momento abandonando a atividade do saque e as expedições guerreiras. Diferente dos seus antecessores é necessário toda uma carreira guerreira feita no saque para garantir riquezas e homens, antes que pudesse partir para uma empreitada na realeza norueguesa:

²³ Desenhos feitos por Werner Karrasch e Morten Gøtche, retirados de BILL, 2008, p.178. Alterações foram feitas por nós em cima do original.

No fim do século nove e começo do século onze, reis escandinavos lideraram saques Vikings, o que seus predecessores do século nove não fizeram. Parece também, que os homens anteriores que lideraram frotas Vikings, não conseguiram reconhecimento como governante em suas terras natais. Roric e Godofredo retornaram à Dinamarca em 855 “na esperança de retomar o poder real, mas sem sucesso”. Eles e muitos outros líderes Vikings de sua época parecem ter sido exilados, se contentando com o que pudessem ganhar na Europa Cristã ou na Rússia. Óláf Tryggvason e Óláf Haraldsson foram afortunados, ambos se tornaram reis da Noruega após carreira de saqueadores Vikings no exterior (SAWYER, 1984, p.145)²⁴.

São atividades feitas rapidamente nas costas da Europa, atacando alvos vulneráveis, retirando-se rapidamente antes que alguma dificuldade possa se levantar contra essa ação. Forças que podem penetrar fundo no território atacado, tendo em vista o fato de ter uma quilha pouco alta, coordenando ataques com forças terrestres, como ocorreu no cerco a Paris de 885 à 887. Inclusive, em certas situações como o ataque a Exeter em 876, os escandinavos levaram a bordo os mantimentos e equipamentos daqueles que movimentaram por terra. Os saques são de pequena escala no começo, não se limitando ao mar Báltico, ele ataca a Frísia, Scania, Saxônia e mais tarde avança pelo território francês e inglês, inclusive cooperando com Sveinn Tjúguskegg. É curioso perceber como várias etapas da vida desse rei são descrita nas sagas em sintonia com o mar, tendo desviado o curso de sua vida quando criança, adentrado a uma vida guerreira independente e caído em batalha no mar gelado do Báltico, tão familiar aos barcos dos quais passou boa parte de sua vida.

A construção de uma paisagem gelada e dos fiordes começa a ser identificada em torno dessas embarcações, sempre associada a uma atividade guerreira. Uma paisagem que se desloca junto com os seus ocupantes, impressas nas dimensões e formatos de seus

²⁴ In the late tenth and eleventh centuries Scandinavian kings led Viking raids, their ninth-century predecessors did not. It also appears that the men who did lead early Viking fleets were unable to gain recognition as rulers in their homelands. Roric and Godfred returned to Denmark in 855 ‘in the hope of gaining royal power but without success’. They, and most other Viking leaders at that time, appear to have been exiles who had to be content with what they could win in Christian Europe or in Russia. Olaf Tryggvason and Olaf Haraldsson were more fortunate, and both became kings of Norway after careers as Viking raiders overseas.

barcos, esses que serpenteiam cortando as ondas e mostrando suas carrancas no horizonte. O conflito é levado junto com essa construção, produzindo uma paisagem de terror que vem do norte. Característica marcante desses barcos são as carrancas colocadas na proa, conferindo-lhes um aspecto bélico enquanto deslizam pelas ondas de diversos mares da Europa²⁵. A natureza do norte, do gelo e dos rios é uma força que modifica as embarcações (ainda que a vela tenha sido adquirida como parte das experiências comerciais que proporcionaram um contato com as embarcações da Europa ocidental) e as dispõe entre projetos de deslocamento, comércio e guerreiras. Uma idéia que certamente evoca uma experimentação dos fiordes e daquelas terras penetradas pelos meios aquáticos.

Pode-se traçar um paralelo com “Paisagem e Memória” de Simon Schama (SCHAMA, 1995), quando nossas impressões e experimentações são parte da paisagem desenhada ou concebida culturalmente: o navio remete ao fiorde; é a paisagem que se desloca lembrando de onde vêm as ações bélicas, seja na guerra ou nos saques vikings. O homem pode produzir um olhar sobre a natureza destituído de quaisquer das “velhas criaturas da cultura”? As embarcações que partem dos fiordes e do espaço geográfico escandinavo de uma maneira geral são produtos da anexação cultural sobre a natureza. Adentrando ao sagrado, aonde esse autor acredita ser o propósito de sua obra “recuperar os veios de mito e memória existentes sobre a superfície” (SCHAMA, 1995, p.25)²⁶. O sagrado ligado às embarcações escandinavas são as inumações funerárias, nas quais as

²⁵ A palavra aqui é Ormr, que significa tanto dragão, quanto serpente.

²⁶ O autor escreve rapidamente sobre a mitologia nórdica, falando da adoração da árvore, a Yggdrasil, a árvore gigante que suporta os vários mundos e aonde o deus Odin ficou pendurado por nove dias afim de conseguir poder e sabedoria. Outra proposta interessante da relação entre paisagem e o sagrado entre os escandinavos, encontra-se nos Landvaettir, os espíritos da natureza que protegem a Islândia e que fazem parte das práticas religiosas e rituais mágicos daquela região. Na *Óláfs saga Tryggvasonar*, o rei Haraldr da Dinamarca tenta invadir a ilha por meios mágicos e eis que surgem quatro guardiões, seres ligados a natureza, para impedir a sua invasão.

peças são enterradas junto a navios com tesouros e pertences pessoais ou em tumbas com o formato de navios:

Arqueólogos têm achado sepulturas no formato de navios – o contorno do bote delineado com largas pedras para formar uma estrutura para a sepultura – na Escandinávia do começo da Era do Ferro (cerca de 500 d.C.). Mas restos navios queimados e enterrados são achados na Escandinávia por volta do século sétimo – ou seja, pouco antes da Era Viking – culminando nos magníficos achados tais quais os navios de Gokstad e Oseberg na Noruega, os quais contêm corpos e tesouros. Esses navios foram preservados pela argila na qual eles foram enterrados (O'DONOGHUE, 2007, p.68)²⁷.

É relevante frisarmos alguns aspectos conceituais de cunho mítico-religioso que acompanham as narrativas acerca dos Skjöldungos e Ynglingos, dinastias das realezas dinamarquesas e norueguesas, respectivamente, na sua ligação direta com os seus deuses fundantes, Njörðr e Freyr, divindades ligadas ao mar e a fertilidade, possuidores do barco mítico Skíðblaðnir. Como coloca o pesquisador Marcus Gerds (2006, p. 157) “o culto à fertilidade e o culto à morte são intimamente ligados [...] devemos apenas pensar o despertar da natureza na primavera após o inverno no contexto do culto à fertilidade²⁸.”

NAVEGANDO NUM HORIZONTE LISO E ESTRIADO

Até conseguir o trono da Noruega, os relatos sobre a vida Ólaf Tryggvason são extensos, na saga em que estamos nos referenciando, ele sempre está alternando entre certo nomadismo e um sedentarismo: sua vida começa com a fuga para a corte de Hákon, o Velho, na Suécia, pois sua mãe, temendo represálias do usurpador Haraldr gráfeldr, foge

²⁷ Archaeologists have found graves in the shape of ships – the outline of a boat picked out in large stones to form a frame for a grave – from the beginning of the Iron Age (about 500BC) in Scandinavia. But the remains of burnt and buried ships are found in Scandinavia from about the seventh century AD – that is, from just before the Viking age – culminating in the magnificent finds such as the ships from Gokstad and Oseberg in Norway, which contained bodies, and treasure. These ships were preserved by the clay in which they were buried.

²⁸ Fertility cult and death cult were intimately united. It reminds us of the cultic scenes and processions on the Oseberg tapestry, or we need only think about the reawakening of nature in spring after winter in the context of fertility cult.

com seu filho e um seleto corpo de funcionários de confiança. Após dois anos, eles vão ao encontro de Sigurðr (tio de Ólaf) em Garðariki (região próxima a Novgorod, na Rússia), na corte do rei Valdamar. No mar Báltico, entretanto, eles são capturados por bandidos da Estônia e separados. Ólaf cresce em uma fazenda na Estônia, até que o seu tio lhe reconhece e o leva embora para ficar sob a proteção da rainha Állógía de Garðariki. Quando se torna adulto, ele prefere sair dessa região e se entrega a atividades vikings, saqueando Borgundarholm. Suas atividades vikings cessam quando ele se casa com uma mulher chamada Geira e herda Wendland do rei Búrizsláf, saqueando as pessoas que se encontram nessa região, mas que se recusam a lhe pagar taxas.

Após poucos anos de casamento, sua esposa falece: “Óláfi þótti þat svá mikill skaði, at hann festi ekki ynði á Vindlandi, síðan; réð hann ser þar til herskipa ok for enn í hernað, herjaði fyrst um Frísland ok þar næst um Saxland ok alt í Flæmingjaland” (*Óláfs saga Tryggvasonar*, 29). Segundo a saga, o mar é uma maneira de aliviar a dor de sua perda, junto a ele o saque viking é a prática encontrada para aproveitar o mar. Até que suas navegações lhe levam as ilhas Scilly²⁹, aonde é batizado e depois vem a se casar com Gýða, rainha de Dublin. Se recusando a praticar saques vikings, ele passa a navegar em ações missionárias, convertendo as Órcades e Hébridas, até que se torna, enfim, rei na Noruega, em ocasião da morte do *jarl* Hákon.

Outros famosos vikings entre as narrativas escandinavas são os de Jómsborg, ou Jómsvikings. Citemos três motivos para justificar um rápido comparativo com a vida nômade do rei Ólaf Tryggvason: 1 – Estão relatados na fonte proposta como parte de nossas pesquisas, a *Óláfs saga Tryggvasonar*, 2 – Independente de terem existido ou não (pois são poucas as provas diretas de sua existência), eles impõem uma força naval respeitada na narrativa das sagas nas quais são mencionados, graças seu poderio marítimo e refinamento guerreiro, 3 – Os Jómsvikings agem como a máquina de guerra

²⁹ Pequeno conjunto de ilhotas, perto da Inglaterra

que ataca de forma ágil e agressiva as monarquias e lideranças regionais, mas que se passam a ser controlados pelos reis dinamarqueses e usados em seus empreendimentos guerreiros.

Esses homens fazem parte de um corpo especializado de guerreiros que ingressam nessa força dentro de uma faixa etária, são proibidos de cometer certos excessos e vivem unicamente para a guerra; a saga desses vikings (*Jómsvíkinga saga*) finaliza com a extinção de seu corpo guerreiro e vários de seus líderes na batalha de Hjörungavágr em 986 ou 987 (Würth, 2005, p.162); apesar de sua independência e nomadismo, estão presos a guerra dinamarquesa, pelo rei Sveinn Tjúguskegg.

O barco está envolvido diretamente com a atividade viking e na maneira como ela é encarada. Viking como atividade de saque insere-se de maneira nômade e o barco é o seu instrumento. Instrumento e arma, claro, estando dentro da complexa dinâmica de propulsão que o faz deixar de ser instrumento. Uma arma “metafórica” que desliza pelo espaço estriado, já que o nômade não se movimenta sozinho, mas o barco o faz com ele, instrumento e arma que também lhe confere sua identidade na saga. Tanto Ólaf quanto os Jómsvíkings significam-se perante o nomadismo, ambos o são sem o serem totalmente. Ólaf ocasionalmente pontua uma região para habitar e toma sua frota para ir cobrar taxas ou instaurar a fé cristã. Os Jómsvíkings tem sua base em Jónsborg, e ali concentram seus suprimentos e equipamentos. Ólaf quando não estava casado e não era cristão, detinha-se em esforços de saque viking, invadia terras e tomava o butim com os seus guerreiros. Uma dinâmica parecida acontecia com os Jómsvíkings e dependendo como eles encaram as suas empreitadas, o seu espaço adquire diferentes configurações. Espaço liso ou estriado, nômade ou sedentário? Esses questionamentos recaem sobre a maneira como conduzem seus barcos.

Independente disso ambos morrem como homens da guerra que são, em prestígios e grandes batalhas, mas para as grandes forças sedentárias e : Ólaf Tryggvason

morre na batalha de Svöld para outro norueguês, o *jarl* Eirík, um verdadeiro homem do Estado (no sentido deleuziano) após efêmeros cinco anos de reinado. Se a comparação de Deleuze e Guattari cabem aqui, os Jómsvikings caem de maneira semelhante, em combate com o mesmo líder guerreiro, um líder cujo pai havia tomado o lugar do antigo rei da Noruega e acabado com a sucessão da dinastia Ynglinga.

O espaço liso é um espaço sem marcas, um espaço sem canais, um espaço heterogêneo pela sua natureza ausente de relações. O espaço estriado é homogêneo, um espaço das relações, marcado por elementos culturais e humanizados:

As oposições “liso-estriado” nos remete a complicações, alternâncias e superposições muito mais difíceis. Mas essas complicações só fazem confirmar a distinção, justamente porque colocam em jogo movimentos dissimétricos [...] Em suma, o que distingue as viagens não é a qualidade objetiva dos lugares, nem a quantidade mensurável do movimento – nem algo que estaria unicamente no espírito – mas o modo de espacialização, a maneira de estar no espaço, de ser no espaço³⁰ (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.189 – 190).

Óláf Tryggvason começa a delinear um estriamento no espaço marítimo guerreiro (ainda que o mar seja um espaço liso por excelência), quando instaura o cristianismo pela Escandinávia, começa a pontuar novos espaços e fazê-los adentrar ao cristianismo pelo diálogo e pela força, o barco aqui é mais instrumento que arma e o espaço, não se situa de maneira lisa como é o que pertence ao espaço marítimo viking, em oposição a esse espaço marítimo missionário. Essa forma de instrumento é encarada nas conversões, suas ações propriamente guerreiras acontecem em terra e são raras. Manobrar o barco para o saque viking é fazê-lo em um espaço liso por excelência, estriando na medida em que ocorrem os saques ou na medida em que se navega por cabotagem. Os Jómsvikings quando seguem para a batalha e não para o saque viking, seguem por um espaço estriado, ainda que seja, muitas vezes, o mesmo mar, eles têm objetivos certos, uma batalha determinada e inimigos marcados.

³⁰ Grifos nossos.

Em oposição a esse Estado, a máquina de guerra que são os espaços marítimos guerreiros voltado para as expedições vikings, essas que transformam o barco em arma. É o impulso que navega por um espaço liso que se ocupa a saquear quando as oportunidades e os riscos convêm, sintetizando a ação de partir como um viking:

Pequeno grupo armado que se desloca para regiões distantes da sua comunidade de origem, utilizando basicamente técnicas de pirataria com ação rápida, fulminante e precisa, com propósitos predatórios. Também podem ser expedições punitivas ou com objetivos políticos (LANGER, 2009 p.181).

Entretanto o ato viking não era feito sem algum conhecimento prévio dos locais a serem atacados, é uma ação possibilitada pela larga experiência comercial que os escandinavos tiveram com a Europa. Primeiro que tais experiências possibilitaram um conhecimento sobre as embarcações da Europa ocidental, levando-os a adotar as velas em suas próprias embarcações. Segundo que, as práticas comerciais os levaram a tomar conhecimento das riquezas que os territórios visitados possuíam, quais as suas práticas cotidianas, atividades e problemas políticos, além da própria estrutura física dos locais que seriam saqueados, vantagens e se os riscos compensariam a empreitada. Apesar de fazermos uma breve diferenciação entre o espaço guerreiros (esse que percebemos diferenciado entre “campanha” e “viking”) e a prática comercial, esses não podem existir em total separação, são práticas que coexistem no uso das embarcações e que fazem parte da vida dos povos escandinavos. No fim do século VII, houve um aumento nas trocas comerciais entre o continente e a Inglaterra o que acarreta no desenvolvimento de diversos centros comerciais: Dorestad no Reno, Quentovic perto de Bolonha, Hamwic, Fordwich, Londres, Ipswich e York, esses últimos na Inglaterra. “A Escandinávia e as terras ao redor do Báltico logo foram afetadas por esse desenvolvimento, pela produção naquela região, particularmente suas peles eram bem valorizadas na Europa ocidental” (SAWYER,

2001, p. 4)³¹. Do comércio ao saque e vice-versa era apenas uma mudança, inclusive de atitude perante o próprio barco, retirava a carranca outrora colocada na proa, que dava o aspecto bélico dessas verdadeiras serpentes.

Independente das construções feitas na saga, o fato é que ele foi um poderoso líder guerreiro que desempenhou um papel fundamental na formação do reino da Noruega, seus efêmeros cinco anos a frente da conquista dos territórios noruegueses só foram possíveis pela sua longa carreira viking, que lhe proporcionou ganhos materiais o suficiente para possibilitar sua expansão a partir da região de Viken, região onde possuía parentes que lhe pudessem oferecer apoio, bem como antigo domínio de seu pai (e não em Trøndelag, como aponta nossa fonte):

A troca de presentes foi um fator político e econômico importante na Era Viking e além, e ambas a generosidade da realeza e os objetos valiosos que eram presenteados, foram celebrados na poesia escáldica. A riqueza adquirida das expedições Vikings tornou possível para os seus líderes, atrair mais homens para o seu comando, que anteriormente, os quais podiam ser usados para ganhar mais riquezas. (BAGGE, 2010, p.35)³²

CONCLUSÃO

Para Michel de Certeau (CERTEAU, 1994), há uma diferença nítida entre espaço e lugar. Lugar pode ser entendido como uma configuração instantânea de posições – ordenado e estável, pois ele é a mera posição na qual as coisas se distribuem nas relações de coexistência. O espaço é uma animação de móveis, onde se levam em conta vetores de direção, quantidade de velocidade e tempo. O espaço é uma percepção, podendo ser comparado dentro de uma relação “espaço x lugar” como a palavra quando falada:

³¹ Scandinavia and the land round the Baltic were soon affected by this development, for the produce of that region, particularly its furs, was highly prized in western Europe.

³² Gift exchange was an important political and economic factor in the Viking age and beyond, and both Royal generosity and the valuable objects that were given are celebrated in the skaldic poetry. The wealth from the Viking expeditions made it possible for chieftains to attach more men to their service than earlier, who could then be used to gain further wealth.

“percebida na ambigüidade de uma efetuação, mudada em um termo que depende de múltiplas convenções, colocada como o ato de um presente (ou de um tempo), e modificado pelas transformações devidas a proximidades sucessivas” (CERTEAU, 1994, p. 202). Diferente do lugar, o espaço não apresenta estabilidade tendo em vista sua natureza que não comporta um caráter unívoco.

Dentro da operação de transformações de lugar em espaço (e também o inverso), nos resta compreender que o espaço é um lugar praticado, é a transformação feita pela experimentação. Nossa idéia é que as práticas guerreiras também sejam uma prática do espaço quando os guerreiros são apontados nas narrativas medievais como parte de um evento maior, aonde eles recebem nomes e são inseridos dentro de um contexto bélico próprio.

Na *Óláfs saga Tryggvasonar*, os guerreiros são apontados, adquirindo na escrita da narrativa e na Longa Serpente um espaço próprio: Ulf, o vermelho; Kolbjorn; Thostein Uxafot; Vikar de Tiundaland; Vak Raumason de Gaut; Berse, o Forte; Skyte de Jamtaland; Thrand, o Forte de Thelamork e o seu irmão Uthyrmer; Thrand Skjalge e Ogmund Sande, os homens de Halogaland; Hlodver Lange, de Saltvik, e Harek Hvasse; Ketil, o Alto, Thorfin Eisle, Havard e seus irmãos de Orkadal, homens de þranðheimr; Bjorn de Studla, Bork dos Fiordes, etc. Os nomes sendo sempre ligados a epítetos que qualificam o guerreiro ou o ligam a sua procedência, até que por fim a narrativa exponha: “e muitos outros homens, muito valorosos, estavam na Serpente, os quais não podemos nomea-los” (*Óláfs saga Tryggvasonar*, 94)³³. Os eventos bélicos, principalmente marítimos, são forças praticantes de espaço por excelência nas narrativas medievais escandinavas. Os navios longos, esses que são próprios para a batalha carregam homens para batalhas que levam em seu nome, os espaços onde as fontes apontam como palcos dos acontecimentos dessa natureza são definidos e acabam por compreender todo o evento em si, se tornando um espaço.

³³ ok margir aðrir menn, mjök ágætir, váru á Orminum, þótt vér kunnim eigi nefna

Svöld é um espaço, enquanto caracterizado como uma batalha, enquanto torna os homens que ali se encontram em demarcações de um espaço próprio e guerreiro, a narrativa forma espaços quando apontam tais homens:

Nessa organização, o relato tem papel decisivo. Sem dúvida, “descreve”. Mas “toda descrição é mais que uma fixação”, “é um ato culturalmente criador”. Ela tem até poder distributivo e força performativa (ela realiza o que diz) quando se tem um certo conjunto de circunstâncias. Ela é então fundadora de espaços (CERTEAU, 1994, p.209).

As embarcações também são espaços, na medida em que se tornam propriamente identificadas na narrativa, em que identificam os guerreiros que se encontram nelas ou quando são forças atuantes nos relatos. O que pretendemos é mostrar que os navios escandinavos da Era Viking estão inseridos como parte importante da construção dos espaços. Espaços guerreiros que identificam propriamente as pessoas que os utilizam, e que também tem um papel importante na organização dos conflitos guerreiros.

Além de estarem ligados a uma engenharia náutica que não pode se esquivar das necessidades geográficas daqueles que as construíram, as embarcações são instrumentos que agem no estriamento do espaço liso, que se fazem como espaços em operações diferentes, dependendo do seu uso, voltado para o saque viking (e as campanhas guerreiras) ou o comércio (que acabam por estriar o espaço liso de maneira diferente).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES PRIMÁRIAS

Anônimo. *Óláfs saga Tryggvassonar*. Transcrição do texto original por Finnur Jónsson. In: *Heimskringla*. København: G.E.C. Gads Forlag, 1911.

STURLUSON, Snorri. *Óláfs saga Tryggvassonar*. Tradução ao inglês por Lee M. Hollander. The Saga of Olaf Tryggvason. In: *Heimskringla, History of The Kings of Norway*. Austin: University of Texas Press, 2007.



BIBLIOGRAFIA

BAGGE, Sverre. *From Viking Stronghold to Christian Kingdom – state formation in Norway, c.900 – 1350*. Copenhagen: Museum Trusculanum Press, 2010.

BILL, Jan. Ships and Seamanship. In: SAWYER, Peter (org.). *The Oxford Illustrated History of the Vikings*. Nova York: Oxford University Press, 2001, p.182 – 201.

_____. Viking Ships and The Sea. In: BRINK, Stefan e PRICE, Neil (org.) *The Viking World*. Nova York: Routledge, 2008, p. 170 – 180.

BOULHOSA, Patrícia Pires. *Icelanders and The Kings of Norway*. Leiden: Brill, 2005a

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano. vol. I*. Petrópolis: Vozes, 1994.

CORBIN, Alain. *O Território do Vazio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 5. São Paulo: Editora 34, 1997.

GERDS, Marcus. Scandinavian Burial Rites on The Southern Baltic Coast: boat-graves in cemeteries of early medieval trading places. In: ANDRÉN, Anders; JENNBERT, Kristina; RAUDVERE, Catharina. *Old Norse Religion in Long-Term Perspectives: origins, changes, and interactions*. Copenhagen: Nordic Academic Press, 2006, p. 153 – 158.

GRAHAM-CAMPBELL, James. *Os Viquingues: Origens da Cultura Escandinava, Vol. I e II*. Madrid: Del Prado, 1997.

JAKOBSSON, Ármann. Royal Biography. In: MCTURK, Rory (org.). *A Companion to Old Norse-Icelandic Literature and Culture*. Oxford: Blackwell Publishing, 2005, p. 388 – 402.

LANGER, Johnni. O Mito Do Dragão na Escandinávia – primeira parte: período pré-viking. *Brathair*, v. 3, n. 1, p. 42 – 64, 2003. Disponível em http://www.brathair.com/revista/numeros/03.01.2003/mito_dragao.pdf. Acesso em 20 de dezembro de 2011.